



O OUTRO IMPUTADO – CONSIDERAÇÕES SOBRE O LEITOR/RECEPTOR BASEADAS EM TODOROV

Por Adriana Hoffmann Fernandes, Cesar Netto Cid e Lúcia Gomes Ribeiro

APRESENTAÇÃO

Este artigo consiste numa reflexão a partir do texto “Reading as Construction” de Tzvetan Todorov, um capítulo do livro *The Reader in the Text - Essays on Audience and Interpretation*. O autor, além de lingüista, é um dos nomes mais importantes da Semiótica. Trabalha com o lado prático da teoria da Recepção e cria métodos de trabalho. A teoria da Recepção nasceu na literatura mas é muito utilizada pelo cinema. Neste texto fazemos também o intento de pensá-la dentro do Design. Além disso, procuraremos também trazer os principais aspectos do pensamento de Todorov sobre a leitura literária procurando relacionar estes com a imagem, preferencialmente a imagem em movimento como a da TV e do cinema.

A ONIPRESENÇA DA IMAGEM

A experiência da leitura, segundo Todorov, é tão comum que chega a ser desconhecida para nós. Isso porque ela é onipresente e sendo assim parece algo banal. Ressaltamos que essa onipresença também é uma das características da imagem em si e devido à sua presença constante torna-se tão comum que parece óbvia, natural, algo sobre o que não precisamos pensar. Essa aparente naturalidade e transparência nos mostram que sabemos muito pouco sobre ela. Segundo Luiz Antonio Coelho, qualquer estímulo constantemente presente nos passa despercebido e para que ele seja notado é preciso repeti-lo e trabalhá-lo.¹ O significado nasce da diferença, não da igualdade. Todo sistema de comunicação tem na onipresença um reforço, mas quando ela é demais, isto é, a partir de determinado ponto, acontece a entropia, ou seja, os elementos ficam iguais e deixam de cumprir sua função: passam a não comunicar mais. Uma das coisas mais difíceis ao se trabalhar com a imagem é justamente a sua onipresença. O famoso “ver para crer” é um mito de valor da imagem também chamado de ocularcentrismo, quando a imagem na modernidade passa a ser o centro.²

O filme documentário *Janelas da Alma* de João Jardim e Walter Carvalho retrata bem esse aspecto ao focar diferentes depoimentos sobre a visão e o olhar. Um dos entrevistados no filme ressalta que “a TV olha por você, não há mais um olhar interior.” A realidade não é mais vista pessoalmente mas através das imagens mostradas pela TV e pelo cinema. Como é colocado no filme vivemos hoje cada vez mais plenamente o *mito da caverna*, de Platão, onde a visão sobre o mundo nada mais é do que uma sombra da realidade projetada no fundo da caverna. Depoimentos do filme acentuam que “as coisas são mediadas pela nossa experiência”. E existe olhar que não sofra qualquer mediação? Existe olhar que não traga algo do exterior dentro dele? Existe o olhar puro, único? Existe sim a ilusão desse olhar. E parece que a ilusão acabou. Parece que hoje está cada vez mais claro que esse olhar próprio, único, puro não existe mais. A imagem impera e a imagem supõe o outro na produção e é mediadora da construção desse outro. O outro nada mais é que o sujeito contemporâneo.

¹ Doutor em Comunicação pela New York University, 1989 e professor do departamento de Artes e Design da PUC-Rio.

² JENKS, Chris. *The Centrality Of The Eye In Western Culture*. London and New York, 1995.

SEGUINDO A VISÃO DO OUTRO

A reflexão de Todorov sobre a construção da leitura pode nos dar alguns parâmetros para pensarmos a imagem como a atual forma predominante de representação da realidade, da forma de olhá-la. Mesmo sabendo que o “texto imagem” tem características bem diferentes do “texto literário escrito”, acreditamos que a reflexão deste autor pode nos orientar. Todorov mostra-nos que a primeira corrente interessada em desvendar e estudar a leitura foram os Estudos Literários. Nestes houve um grupo daqueles que estudaram a leitura pelas diferenças sociais, históricas, coletivas ou individuais dos leitores e outro que se preocupou em estudar a imagem do leitor ou a sua representação nos textos.

O autor mostra que entre essas duas linhas dos Estudos Literários há uma área inexplorada: o domínio da lógica da leitura, ou seja, o estudo de como a leitura é construída, seu processo de construção. Todorov escolhe percorrer esse caminho tendo como base a ficção clássica porque considera que esse tipo de leitura desdobra-se como uma construção. Ele nos diz que o texto ficcional não imita a realidade mas a cria e busca entender como o leitor caminha nesse processo de criação do mundo imaginário percebendo que aspectos do texto ajudam a determinar essa construção. A imagem também não é uma construção? Uma forma possível mas não única de leitura da realidade?

Qualquer pessoa ao escrever, ao produzir uma imagem tem em mente a quem se dirige, ou seja, pensa e imagina quem é seu leitor/receptor. Esse leitor representado nessa produção é o que Todorov denomina de *narratee*. Seria o leitor imaginado, imputado no texto no momento de sua produção. O *narratee* seria o “outro generalizado”, a forma como eu imagino o outro. Para os que trabalham com a imagem e o Design, este leitor seria o usuário padrão imputado.

Podemos pensar sobre como o outro está sendo visto na contemporaneidade dentro das diversas áreas. A preocupação em estudar o receptor na comunicação, o leitor na literatura e o usuário no design vem aumentando consideravelmente, mostrando que leitor, receptor e usuário se fundem na busca da compreensão deste outro desconhecido. Para Todorov, o outro desconhecido é o outro imputado, imaginado pelos autores no momento da concepção da obra em si. Porém atualmente há um esforço para melhor compreender este outro, de forma a não padronizá-lo. Busca-se conhecer o outro numa visão mais antropológica, em que se procura entender o outro a partir dele mesmo, do que ele mesmo fala de si, de como se vê, com o que se identifica e do que gosta verdadeiramente. No entanto, essa preocupação com o outro, com o conhecimento do outro têm várias facetas. Ao mesmo tempo que se busca conhecê-lo, num intuito legítimo de formar idéias, conceitos a partir de diferentes óticas, não estacionando-se apenas naquela “dominante”, pergunta-se que uso será feito desse conhecimento.

Hoje vemos uma grande preocupação do sistema capitalista de adequar cada vez mais a sua produção a diferentes tipos de consumidor. A aparente preocupação com o consumidor do sistema capitalista não corresponde ao esforço de conhecer o receptor/consumidor/leitor enfocada por Todorov. Na verdade, o sistema busca conhecer esse outro consumidor de uma forma bem mais parcial do que a proposta por Todorov. Seu objetivo é apenas focar sua produção direcionando-a para diferentes grupos de consumidores. Isso nada mais é do que uma fragmentação do outro em vários subgrupos: o outro que pode consumir mais, o outro que gosta desse ou daquele tipo específico de produto, etc. Como exemplo temos o caso do processo de impressão de dados variáveis que proporciona a produção de uma mala direta personalizada para um empreendimento imobiliário que contém algumas informações selecionadas para cada indivíduo com dados colhidos num banco de dados. Assim, você pode receber em casa um anúncio direcionado para o seu perfil de consumidor e de renda. Isso não é uma continuação da padronização? Apenas é uma padronização fragmentada que ao invés de ser direcionada para todos é direcionada diferentemente para cada grupo. O outro não é mais único, homogêneo, massa. O outro é sujeito, faz escolhas e o mercado procura agora "perceber" tais escolhas para produzir contemplando os desejos do outro consumidor.

AS BASES DA CONSTRUÇÃO FEITA PELO OUTRO: O LEITOR/RECEPTOR

Todorov faz sua análise do processo de leitura estabelecendo uma comparação. Para ele, o leitor se constrói no texto assim como o personagem se constrói na ficção. Coelho¹ ressalta que assim ele constrói um método para analisar a recepção. Podemos transportar as questões do leitor às do receptor da TV. Isso porque as duas, apesar das diferenças, têm algo em comum: a característica narrativa, um modo próprio de contar, relatar fatos. Relacionando as preocupações de Todorov com o nosso estudo da recepção observamos que até pouco tempo os estudos sobre a TV preocupavam-se em estudar ou a mensagem/imagem transmitida (emissão) ou a recebida (recepção) sem qualquer relação com o contexto. A novidade dos estudos atuais é justamente a preocupação com esse estudo do processo de recepção em seu contexto e não somente o estudo de um ou de outro pólo isoladamente. Assim como isso ocorre na recepção da TV pode também ocorrer na recepção dos produtos do Design. Importa não apenas saber como este ou aquele produto foi recebido mas como está sendo elaborado pelo receptor, ou seja, que usos o receptor está criando para ele e de que forma o está modificando de acordo com as suas necessidades.

Todorov assinala que a construção da leitura só ocorre a partir de sentenças referenciais, isto é, quando o leitor relaciona as referências do texto com as suas próprias referências. A sentença referencial é particular, específica de um determinado contexto enquanto a máxima é uma sentença geral, não particularizada, aplicável em vários contextos. Todorov nos mostra que a sentença referencial evoca um evento específico, um fato observável. Uma sentença só pode ser referencial ou não-referencial, não há estágios intermediários. É necessário que um texto contenha frases em que o leitor se reconheça. Só assim ele será capaz de dar sentido à leitura.

Um texto ficcional, segundo ele, irá conter exemplos dos dois tipos de sentença. Mas ele ressalta que nós não retemos sentenças não referenciais nesse tipo de leitura que ele chama de leitura como construção. As sentenças referenciais levam a diferentes tipos de construção dependendo do grau de generalização ou da afetividade dos eventos que evocam. A imagem da TV ou do cinema também são construídas sobre sentenças referenciais. Da mesma forma, o design ao pensar um objeto ou criar um produto visual precisa conhecer as referências do seu público pois ao construir sem tais referências corre o risco de não se comunicar com o público desejado.

Uma coisa é certa: não é possível ler se não tivermos e fizermos referências à nossa experiência de vida, aos filmes que vimos, aos livros, revistas e jornais que lemos, às viagens que realizamos, às conversas que tivemos... Tudo isso é parte de nossa história e parte de nossa leitura. Ler sem se remeter a tais referências não é ler.

Assim, hoje, quando busca-se estudar o outro leitor, receptor, usuário, consumidor procura-se perceber a sua leitura, ou seja, entender como ele lê e entende o mundo ao seu redor e que referências construiu para lhe permitir tal entendimento. As referências são subjetivas, é claro, mas há referências em comum, pontos de vista que se assemelham e que constróem a interpretação predominante de determinados grupos.

Todorov nos fala que essas referências que estão implícitos na leitura são os filtros narrativos. Mesmo que você não perceba, utiliza certos filtros em sua leitura. Quando fazemos uma leitura, lemos textos inteiros, ou seja, as sentenças contextualizadas dentro de um texto e não isoladas. Todorov ressalta que tais filtros narrativos utilizam três parâmetros para analisar as sentenças presentes nos textos: o tempo, o ponto de vista e o modo.

Tais filtros ressaltados por Todorov, na verdade, estão presentes em outros momentos de nossa vida e não se relacionam somente com o texto literário. Utilizamos esses filtros ao vermos TV, ao irmos ao cinema, ao ler um jornal ou uma revista... Portanto, o significado que damos ao mundo e á nossa vida passa por esses filtros, queiramos ou não. Assim, *o tempo, o ponto de vista e o modo* ultrapassam o texto e fazem parte da vida. Isso porque a construção do leitor de que fala Todorov pode ser uma metáfora para a construção do homem. Ele não é homem se não fôr leitor do mundo que o rodeia. É isso o que diferencia o homem dos demais animais: poder pensar sobre a vida, dar significados a ela além do puro instante da satisfação do instinto animal.

O TEMPO - Quando os eventos acontecem?

O primeiro dos filtros narrativos destacado pelo autor é o tempo. Lembramos que qualquer mensagem só é narrativa quando nela há a incorporação do *tempo* e os vários fatos em sequência é que nos dão a idéia da passagem do tempo. O tempo, no mundo da ficção, é ordenado cronologicamente mas a escrita das sentenças no texto não. Que critérios terá o leitor? Como fará essa reordenação? Não sabemos. Mas sabemos que sem o tempo ele não vive, não organiza o seu mundo, suas prioridades, seus desejos e seus planos. O tempo é que dá sentido a diferentes produções: visual, sonora, escrita.

O PONTO DE VISTA - Até que ponto a história é distorcida pelos vários centros de consciência através dos quais ela é contada?

O segundo dos filtros citado por Todorov é o *ponto de vista*. Segundo o autor, trata-se da visão do leitor sobre os diferentes eventos evocados no texto e que determinam seu trabalho de construção; uma coisa é o evento e a informação que o leitor tem sobre ele em sua história pessoal e outra é a sua atitude pessoal em relação a esse evento específico. Como exemplo podemos citar o evento casamento. Todos nós temos informação sobre o que é um casamento mas isso é muito diferente de ter vivido um casamento. O sentimento, a sua atitude pessoal sobre o casamento deriva da sua experiência que é a sua referência do evento. Na ficção Todorov ressalta que cada evento é sempre narrado mais de uma vez e a ação em relação a ele pode ser observada sob os diferentes pontos de vista de diferentes narradores, em diferentes tempos, etc.

A repetição, nesse caso, exerce um papel importante na construção do evento porque para construirmos a idéia de um evento precisamos de muitas considerações sobre ele. Considerações que nos mostrem concordâncias como também contradições/discordâncias ampliando a visão do evento e possibilitando a construção da nossa visão. Todorov ressalta, por exemplo, que a construção da personagem é um compromisso entre diferença e repetição.

Da mesma forma, a repetição também ajuda a construir a recepção da TV, do teatro e de todas as demais obras. Nada é totalmente novo, sem que tenha algo repetido. Não se cria do nada, mas do que temos e o que temos é o que já conhecemos e que é aparentemente "repetido". Isso porque não é possível comunicar sem repetir algo, a repetição dá ao leitor as referências para a leitura. É ela que dá coerência e continuidade à recepção/leitura. A repetição é parte das referências. Se o outro encontra pela frente algo que é tão novo que não tem qualquer relação com alguma coisa vivida, lida, vista, são bem pequenas as chances dele atribuir um significado que se encaixe dentro das referências de seu mundo. A não ser que ele o subverta para que passe a ler "lido" com as referências desse mesmo mundo. E todo ponto de vista, baseado nas suas referências, está sempre ancorado em um contexto que lhe dá sustento.

O MODO - Até que ponto a descrição desse universo é exata?

O último filtro narrativo citado é o *modo*. O modo como o texto é contado e que melhor permite a construção do leitor é, para Todorov, o modo do discurso direto. Tal modo de expressão elimina as diferenças entre o discurso narrativo e o mundo evocado por ele. Nele a construção é direta e imediata. O discurso direto é uma fonte primária, um discurso que fala por si mesmo (um fala diretamente para outro) e que não precisa ser representado por outro discurso para comunicar. O discurso indireto seria uma fonte secundária, ou seja, quando alguém me conta o que outra pessoa disse já traz consigo a sua interpretação (seu ponto de vista, sua reordenação temporal e seu modo). O velho ditado já diz "quem conta um conto, aumenta um ponto". Poderíamos dizer que esse "aumentar um ponto" do ditado nada mais é que a interpretação desse sujeito contador que torna clara a sua participação de sujeito no momento em que repassa adiante a história. Também fazemos isso quando contamos a outros os acontecimentos do cotidiano.

Essa propriedade do modo de discurso direto se parece um pouco com a da imagem já que ela também nos dá a ilusão de que transmite a realidade e não a representação dessa realidade. Sabemos que a imagem da TV, por exemplo, é na verdade, uma fonte secundária porque ela é escolhida/selecionada/editada por alguém, faz parte da leitura/interpretação de outro, mesmo que nos dê a ilusão de ser apenas ela mesma. No caso da imagem da TV a única fonte primária seria estar presente ao programa, ao fato em que tal situação aconteceu. Assim, há uma grande diferença entre presenciar a situação ao vivo ou vê-la representada pela imagem.

CONCLUSÃO

Para Todorov todos esses três parâmetros aqui comentados podem ser combinados na narrativa ficcional. Para nós os parâmetros de Todorov também podem ser estendidos para se pensar a construção da leitura da imagem, do produto e de qualquer outra criação que se suponha simbólica e comunicativa. De acordo com Luiz Antônio Coelho, Todorov utilizou um método científico para analisar o processo de construção da leitura. As perguntas que intitulam os diferentes filtros da leitura propostas por Todorov são metodologicamente parâmetros de análise da recepção. A História diante de um fato faz essas mesmas perguntas.³

Concluindo, o autor coloca que “no decorrer da leitura, deixamos nossa imaginação trabalhar, filtrando desta forma as informações que recebemos. Até este ponto, entretanto, o trabalho de leitura apenas começou.” Melhor dizendo, ele não termina nunca pois nunca deixamos de reinterpretar o texto, a imagem, o produto, o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TODOROV, Tzvetan. *The Reader in the text - Essays on Audience and Interpretation*. Princeton University Press, New Jersey, 1980.

JENKS, Chris. *The Centrality Of The Eye In Western Culture*. London and New York, 1995.

³ Observações feitas pelo professor Luiz Antônio Coelho, Doutor em Comunicação pela New York University, 1989 e professor do departamento de Artes e Design da PUC-Rio. Os comentários citados são referentes a notas de aula no Mestrado em Design da Puc-Rio.